Fotos: divulgação

Dois ângulos da fachada do novo hospital: desafio foi pensar uma forma de a construção respeitar a serra e reverter a situação de contraste visual e de deterioração do antigo imóvel

Novo hospital no horizonte

Após 11 anos, grupo Oncomed inaugura Instituto Orizonti onde era o hospital Hilton Rocha, aos pés da Serra do Curral, com proposta de cuidado integralizado e busca de longevidade

MARINA DIAS

Quem vive em BH há muito tempo certamente se lembra do prédio branco do Hospital Hilton Rocha, que se destacava na paisagem marrom e verde de Serra do Curral, no bairro Mangabeiras. Os mais jovens - ou quem se mudou mais recentemente para a capital - talvez não tenham dado muita atenção ao imóvel, que ficou desativado a partir dos anos 2000. Fato é que aquele local tem história, e ela começou uma nova etapa no fim de 2020.

A origem do prédio vem do sonho do renomado oftalmologista Hilton Rocha, que desejava instalar um hospital de olhos aos pés da serra que é símbolo de Belo Horizonte. Apesar de restrições ambientais que existiam já na década de 1970, conseguiu fazê-lo, graças ao fato de ter operado, com sucesso, o ministro chefe da Casa Civil, general Golbery Couto e Silva, a quem confidenciou esse sonho. Agradecido pelo tratamento e sensibilizado pelo desejo de Rocha, o general decidiu intervir junto ao prefeito de BH da época

ORIZONTI EM NÚMEROS

Investimento:
350 milhões de reais

Área de terreno: **30 mil metros** quadrados, sendo **11.600 metros** quadrados de área construída

Capacidade anual:
27 mil internações, **35 mil cirurgias**, **22 mil atendimentos** no PA e **185 mil** exames

Leitos:
252, sendo **60** de UTI

Especialidades: **54**

Corpo clínico:
450 médicos

Centro cirúrgico completo:
15 salas de baixa, média e alta complexidade, **1 sala** híbrida, **1 sala** robótica, **2 salas** de hemodinâmica

para conseguir autorização para essa construção. Dessa forma, em 1979, foi inaugurado, na avenida José do Patrocínio Pontes, ao final da qual fica uma das entradas do Parque das Mangabeiras, o hospital que leva o nome do oftalmologista e que ali funcionou por mais 30 anos. Uma referência na especialidade na capital mineira.

Em 2002, algum tempo após a morte do fundador, o imóvel foi fechado. O hospital enfrentava graves problemas financeiros. Sete anos depois, foi a leilão. Os compradores? Amândio Soares Fernandes Júnior e Roberto Porto Fonseca, oncologistas e sócios da clínica Oncomed, instituição de tratamento de câncer criada em 1994 em BH. Dois especialistas em oncologia que, assim como Hilton Rocha, sonhavam. Desejavam poder oferecer uma linha completa de cuidados a seus pacientes, para além dos tratamentos disponíveis na clínica: queriam centralizar prevenção, exames, cirurgias, cuidados posteriores, consultas, tratamentos complementares. "Há mais ou menos 15 anos, começamos a receber dos pacientes reivindicações de que pudéssemos oferecer ▸

RELEMBRE A HISTÓRIA DO IMÓVEL

1974
Compra do terreno aos pés da Serra do Curral pelo oftalmologista Hilton Rocha

1979
Inauguração do Instituto Hilton Rocha

2002
Fechamento do imóvel do hospital por dificuldades financeiras

2009
Compra do imóvel pelo Grupo Oncomed em leilão

Agosto de 2016
Início das obras de reforma e ampliação do imóvel

todo o ciclo de tratamento de câncer. Foi quando nasceu essa ideia de termos uma instituição para toda a linha de cuidado", explica Roberto Fonseca, que se refere a Amândio Soares, que foi seu residente na década de 1980 e é seu sócio na clínica e atualmente no hospital, como "amigo de fé, irmão camarada".

O prédio da Serra do Curral, arrematado pelos dois no leilão por 16 milhões de reais, parecia uma bom local para transformar o sonho em realidade. Fora a linda vista. "Se você avaliar BH hoje, não existe área disponível para construir hospital. Está tudo praticamente ocupado", explica Amândio. "Aqui já existia um hospital construído, já era um espaço que tinha sofrido intervenção humana e vimos como oportunidade de implantar a instituição em um prédio já existente." Mal sabiam que a caminhada, na verdade, seria longa e de resistência.

Foram sete anos até conseguirem a licença para implantação, já que o município teve de avaliar diversas questões relativas a meio ambiente, impactos do projeto e do funcionamento do instituto. No meio do caminho, surgiram ações judiciais por parte do Ministério Público e da associação de moradores do bairro, a primeira delas, inclusive, antes de a licença de implantação sair, pedindo ao poder público que se abstivesse de licenciar, ou seja, de nem mesmo avaliar o projeto. Em seguida, ações solicitando suspensão da obra e uma até pedindo demolição do que já estivesse construído. "Enfrentamos uma série de imbróglios, sendo que em nenhum momento estávamos fazendo propostas que desencontravam do que era permitido implantar", explica o Amândio. Apesar de ainda haver ações em aberto atualmente, as sentenças têm sido favoráveis ao hospital, que, por isso, tem seguido a caminhada.

Amândio diz que o projeto sempre foi, na verdade, uma oportunidade de revitalizar, melhorar o que já estava implantado. "Antes era um prédio prismático, branco, de uma época em que se valorizava a arquitetura, mas se esquecia o paisagismo e o meio ambiente", afirma. "E o Flávio viu uma oportunidade de revitalização ali." A pessoa a quem o médico se refere é o arquiteto e urbanista Flávio Carsalade,

Outubro de 2016
Paralisação das obras devido a embargo do MP para averiguação do processo de licenciamento ambiental da ob

Maio de 2017
Retomada das obras após autorização judicial

Outubro de 2020
Inauguração do Instituto Orizonti

Geraldo Goulart

Os oncologistas e sócios da clínica Oncomed, Amândio Soares Fernandes Júnior e Roberto Porto Fonseca: sonho de centralizar prevenção, exames, cirurgias, cuidados posteriores, consultas e tratamentos complementares em um só local realizado com o novo hospital

responsável pelo projeto do Orizonti. Segundo Flávio, a ideia foi recuperar a paisagem, que estava degradada. "O hospital era visto como um objeto destacado da montanha, e o terreno em volta estava muito maltratado, mesmo o espaço natural do entorno", diz. "O conceito foi trabalhar um edifício que não parecesse edifício, mas uma série de terraços que vão subindo a montanha junto com ela", explica. A construção, realizada a partir de terraços verdes feitos com material local (os chamados aço corten e canga de minério), tem a intenção de tornar o imóvel uma extensão da montanha em termos visuais.

Ainda de acordo com Flávio, o desafio foi pensar uma forma de a construção respeitar a serra - que é tom-

bada pelo município e pelo Iphan - e reverter a situação de contraste visual e de deterioração. "A terra já estava degradada pela construção e aquilo era uma situação que iria se perpetuar, porque era um terreno particular", afirma. Além disso, ele ressalta que o hospital foi pensado, como devem ser as construções contemporâneas, para funcionar com o mínimo impacto energético. "Por isso, optamos pelo uso de energias passivas e de materiais que tenham menos impacto ecológico, além de manutenção mais barata e amigável com o clima", diz. Um dos elementos de destaque em termos de sustentabilidade é o telhado verde, um dos maiores da América Latina (com quase 7 mil metros quadrados de vegetação), que contribui para a eficiência energética e hídrica, traz permeabilidade para evitar alagamentos, infiltrações e erosões.

Com projeto em mãos, finalmente, em 2016, a obra começou. Em outubro de 2020, 11 anos após a compra do terreno no leilão, o hospital foi inaugurado. Como bons mineiros - Amândio é de Virgem da Lapa, e Roberto, de Maceió, mas veio para BH ainda bebê -, os dois sócios são discretos, não gostam de falar das dificuldades, preferem focar nas conquistas que vieram após sua superação. Isso não significa, contudo, que tenha sido um processo suave. Foi mais de uma década e 350 milhões de reais de recursos próprios investidos. "Foi angustiante. Eles tinham um sonho, um grande desejo, e obstáculos assim sempre são ruins para quem é sonhador", diz Helton Freitas, presidente da Seguros Unimed e ex-presidente da Unimed-BH, amigo de Roberto há décadas. "Esse hospital foi inaugurado graças à resiliência e determinação dos dois de colocar a instituição de pé e funcionando", afirma.

Não apenas do lado de fora o hospital tem uma cara diferente do padrão mais conhecido de centros de saúde. Por dentro, também, o projeto do Orizonti - Instituto Oncomed de Saúde e Longevidade foge do cenário branco, frio, impessoal. As luzes, cores, materiais são pensados para trazer sensação de acolhimento, e não por acaso.

Geraldo Goulart

O arquiteto Flávio Carsalade, responsável pelo projeto do Orizonti: "O conceito foi trabalhar um edifício que não parecesse edifício, mas uma série de terraços que vão subindo a montanha junto com ela"

Amândio diz que a maior marca do grupo é a humanização, o acolhimento, trazer o paciente para o centro do cuidado. E, segundo ele, a instituição é a primeira da cidade a criar uma gerência dedicada exclusivamente à experiência do paciente. A CEO do hospital, Cibele Vitarelli, explica que o setor de experiência do paciente é uma das maneiras de manter a cultura da Oncomed em uma estrutura tão maior. "Quando os pacientes da clínica saíam para fazer outros atendimentos, sempre nos diziam que sentiam diferença em relação ao acolhimento", conta. "Fazemos questão de manter um ambiente em que as pessoas sorriem, se cumprimentam pelo nome."

Cibele diz que os processos do hospital foram desenhados não por setor, mas com o paciente como centro. Há, por exemplo, os gerentes de hospitalidade, que passam por todas as áreas da instituição - não ficam restritos cada um a seu espaço. Em termos de estrutura física, cada andar de internação e CTI tem uma sala de conforto da família, em que o médico pode levar os parentes para conversar com privacidade e conforto. Os percursos físicos dentro do hospital também foram pensados de maneira a serem mais objetivos e curtos, com pessoal para orientar, desde a portaria até os corredores mais adentro. O serviço de concierge realiza agendamentos de consultas e procedimentos para o cliente e os navegadores são pessoas que acompanham de perto as jornadas dos pacientes. O diretor assistencial da instituição, Estêvão Albuquerque de Andrade, explica que as jornadas são o passo a passo dos pacientes dentro do serviço de saúde. Após desenhada a rota que o cliente vai percorrer dada a sua condição de saúde, o navegador, que é um enfermeiro voltado para a função, acompanha o paciente ao longo de todo o trajeto.

Muitas dessas jornadas vão se encaixar nas linhas de cuidado que foram mapeadas na instituição. Essas linhas organizam os serviços para garantir o cuidado integrado e continuado dos pacientes, da prevenção à reabilitação. Atualmente, já há linhas definidas para os quadros oncológicos, de AVC, infarto, diabetes, hipertensão, obesidade, idoso frágil, dor lombar e cuidados paliativos. "Isso garante que tudo será feito de forma integrada, multidisciplinar e o paciente olhado como um todo, não de maneira compartimentalizada", diz Estêvão. Além do navegador, um software que trabalha com inteligência artificial auxilia nesse gerenciamento, acompanhando o caminho do paciente em tempo real.

Luiz Otávio Fernandes de Andrade, presidente da Federação das Unimeds de MG, que conhece Roberto Fonseca desde a época em que ele foi seu preceptor, na década de 1980, afirma que a ideia de uma instituição que provesse esse cuidado integral estava presente desde o início do projeto dos dois oncologistas. "Na época em que adquiriram o imóvel, já faziam planos de um hospital que fosse diferente de tudo que havia aqui, com foco especial no paciente, o que já era tradição da Oncomed", conta. Luiz Otávio explica que um dos grandes problemas do sistema de saúde, não apenas do Brasil, é a fragmentação do cuidado: um paciente é atendido no ambulatório por um médico; caso se interne, é atendido por outro; já quem cuida dele no dia a dia é mais de uma equipe; e assim por diante. "Dessa forma, perde-se um pouco o fio da meada do entendimento do ser humano, que já é complexo por si só e que, em situ-

Geraldo Goulart

O diretor assistencial da instituição, Estêvão Albuquerque de Andrade: ele conta que um software que trabalha com inteligência artificial irá auxiliar no gerenciamento das "rotas" dos pacientes dentro do hospital

ação de doença, se torna ainda mais complexo", diz. "O Orizonti é moderno não apenas no projeto arquitetônico, mas na concepção do modelo assistencial, graças ao fato de que Roberto e Amândio têm experiência no cuidado de um paciente tão complexo como é o paciente oncológico, e poderão aproveitar essa experiência para garantir que a pessoa seja vista como um todo e acompanhada ao longo do processo completo."

Se engana quem pensa que, por ter origem em uma clínica de oncologia, a instituição é um centro oncológico ampliado. São mais de 50 especialidades, sendo as "áreas-core" oncologia, cardiovascular, neurologia e ortopedia. Na parte cirúrgica, o hospital vai hospedar um robô Da Vinci que deve realizar procedimentos urológicos, ginecológicos, abdominais e do aparelho digestivo - futuramente com cirurgias cardíacas e ortopédicas. Em termos de inovações, outro destaque são os dispensários eletrônicos nos andares, que leem código de barras dos receituários para liberar apenas os medicamentos prescritos nos horários corretos. As chamadas da enfermagem por parte dos pacientes têm o tempo de espera contado, com alarme no caso de demora excessiva e tempo registrado em prontuário automaticamente. Nos CTIs, há boxes individuais com possibilidade de acompanhante e alguns com banheiro exclusivo. Os processos todos são feitos por prontuário eletrônico que já atende a Lei de Proteção de Dados e permite pouco uso de papel (apenas aqueles que os pacientes pedirem, como receitas, atestados).

Em pleno funcionamento, a capacidade anual da instituição é de 27 mil internações, 35 mil cirurgias, 22 mil atendimentos no PA e 185 mil exames. A intenção dos fundadores é que pacientes do SUS possam fazer radioterapia no local. "Faço questão de que o serviço atue com pacientes do SUS, ou seja, um tratamento de ponta para o ser humano independentemente das condições sócio-econômicas", afirma Roberto Fonseca. De acordo com ele, os aparelhos da radioterapia estão entre os mais avançados do mundo e permitem a maior efetividade com menor morbidade. "Irradia-se principalmente onde é preciso irradiar, com menos áreas sãs afetadas", explica.

Pádua de Carvalho

A CEO do hospital, Cibele Vitarelli: "Quando os pacientes da clínica saíam para fazer outros atendimentos, sempre nos diziam que sentiam diferença em relação ao acolhimento. Fazemos questão de manter um ambiente em que as pessoas sorriem, se cumprimentam pelo nome."

Helton Freitas, que como executivo da Unimed acompanhou o processo desde o leilão do imóvel, diz que o empreendimento é extremamente positivo para BH. "É uma estrutura física muito privilegiada e um corpo médico que está se formando de altíssimo padrão", afirma. "Existe ainda a questão da geração de emprego que um hospital desse padrão pode promover para a cidade, inclusive de turismo médico, que pode gerar movimento na economia como um todo", ressalta. Uma boa notícia. E que não poderia ter chegado em melhor hora. ▮